

I

Alan Clay acordou em Jidá, na Arábia Saudita. Em 30 de maio de 2010. Tinha passado dois dias dentro de aviões.

Em Nairobi conheceu uma mulher. Estavam sentados um ao lado do outro, esperavam ambos os respectivos voos. Ela era alta, de curvas generosas, tinha uns brincos de ouro minúsculos. A pele era rosada e a voz melodiosa. Agradava-lhe mais do que muitas das pessoas que faziam parte da sua vida, pessoas que via todos os dias. Disse que vivia na parte norte do estado de Nova Iorque. Não era muito longe da sua casa na periferia de Boston.

Se tivesse coragem teria arranjado maneira de passar mais tempo com ela. Mas em vez disso apanhou o avião para Riade e depois para Jidá. Um homem veio buscá-lo ao aeroporto e conduziu-o ao Hilton.

Com um clique, Alan entrou no seu quarto do Hilton, era 1:12. Preparou-se rapidamente para se deitar. Precisava de dormir. Tinha uma hora de estrada para o norte às sete, às oito devia estar na King Abdullah Economic City. Lá, a equipa instalaria um sistema de teleconferência por holograma e depois esperariam todos para o apresentar ao rei Abdullah. Se o convencessem, o rei Abdullah concederia à Reliant o contrato de TI para a cidade inteira e a comissão de Alan, um número a meio dos seis dígitos, resolveria todos os problemas que o afligiam.

*

Portanto precisava de descansar. De estar preparado. Mas em vez disso passou quatro horas na cama sem dormir.

Pensava na filha, Kit, que estava na universidade, uma universidade muito boa e muito cara. Não tinha o dinheiro das propinas que devia pagar no outono. Não podia pagar as propinas porque tomara uma série de decisões idiotas na sua vida. Não planeara bem. Não tivera coragem quando precisou dela.

Tinha tomado decisões de curto alcance.

Os seus pares tinham tomado decisões de curto alcance.

Essas decisões foram idiotas e não passaram de simples expedientes.

Mas nessa altura não sabia que as suas decisões eram de curto alcance, idiotas e simples expedientes. Ele e os seus pares não sabiam que estavam a tomar decisões que os deixariam, o deixariam a ele, Alan, como se verificava agora, virtualmente na miséria, quase sem emprego, dono duma firma de consultadoria unipessoal, dirigida a partir do seu escritório em casa.

Estava divorciado da mãe de Kit, Ruby. Estavam separados há mais tempo do que estivera casado com ela. Ruby era uma megera insuportável que agora vivia na Califórnia e em nada contribuía financeiramente para os estudos de Kit. A universidade é *contigo*, disse-lhe ela. Porta-te como um homem.

Portanto, no outono, Kit não iria para a faculdade. Alan pusera a casa à venda, mas ainda não fora vendida. Tirando isso, não via outra possibilidade. Devia dinheiro a muita gente, incluindo 18.000 dólares a dois *designers* de bicicletas que lhe construíram o protótipo duma nova bicicleta que pensava poder fabricar na zona de Boston. Essa era a razão por que diziam que ele era um idiota. Devia dinheiro a Jim Wong, que lhe emprestara 45.000 dólares para as matérias-primas e para alugar um armazém. Devia ainda cerca de 65.000 dólares a meia dúzia de amigos e potenciais sócios.

*

De modo que estava falido. E quando compreendeu que não podia pagar as propinas de Kit, era demasiado tarde para ela se candidatar a um subsídio qualquer. Era demasiado tarde para pedir transferência.

Era uma tragédia que uma jovem saudável como Kit falhasse um semestre da faculdade? Não, não era uma tragédia. A longa e torturada história do mundo não repararia num semestre universitário falhado por uma rapariga inteligente e capaz como Kit. Sobreviveria. Não era nenhuma tragédia. Nada que se parecesse com uma tragédia.

Disse-se que o que aconteceu a Charlie Fallon foi uma tragédia. Charlie Fallon morreu gelado no lago perto da casa de Alan. O lago mesmo ao lado da sua casa.

No quarto do Hilton de Jidá, enquanto não adormecia, Alan pensava em Charlie Fallon. Naquele dia viu Charlie entrar no lago. Estava no carro, partia para a pedreira. Não parecera normal que um homem como Charlie Fallon entrasse nas águas negras e cintilantes do lago em setembro, mas também não fora extraordinário.

Charlie Fallon enviava páginas de livros a Alan. Havia dois anos que o fazia. Charlie descobrira, já tarde na vida, os transcendentalistas e sentia uma afinidade com eles. Vira que Brook Farm não ficava muito longe do lugar onde ele e Alan moravam e pensou que tal significaria alguma coisa. Investigou os seus ascendentes familiares em Boston, esperando encontrar uma ligação, mas não encontrou nada. Ainda assim, enviava folhas escritas a Alan com passagens sublinhadas.

O produto duma mente privilegiada, pensou Alan. Não me mandes mais dessa merda, disse a Charlie. Mas Charlie fez uma careta sorridente e mandou mais.

Então, quando Alan o viu entrar no lago, ao meio-dia dum sábado, interpretou o facto como sendo o prolongamento lógico da nova paixão de Charlie pela terra. E nesse dia em que Alan passou por ele, a água dava-lhe apenas pelo tornozelo.



II

Quando acordou no Hilton de Jidá, Alan já estava atrasado. Eram 8:15. Passava das cinco quando adormecera.

Era esperado na King Abdullah Economic City às oito. A uma hora de carro pelo menos. Com o duche, vestir-se e arranjar transporte para o estaleiro seriam dez horas. Ia ter um atraso de duas horas logo no primeiro dia da missão. Era um idiota. Tornava-se ainda mais idiota de ano para ano.

Tentou o telemóvel de Cayley. Respondeu-lhe a sua voz rouca. Noutra vida, numa volta diferente da roda em que ele era mais jovem e ela mais velha e ambos suficientemente estúpidos para tentar, ele e Cayley teriam sido fabulosos.

— Viva, Alan ! Isto aqui é bonito. Bem, talvez não seja assim tão bonito. Mas você não está aqui.

Explicou. Não mentiu. Já não era capaz de congrega a energia, a criatividade necessária para isso.

— Bem, não se preocupe — disse ela, com um risinho. A voz dela sugeria e ao mesmo tempo celebrava a possibilidade e a existência duma vida fantástica de sensualidade sem quebras. — Estamos apenas a instalar o material. Mas tem de arranjar um transporte. Algum de vocês sabe como pode o Alan vir para aqui?

Parecia gritar para o resto da equipa. A voz ressoava como se ela estivesse numa caverna. Imaginou um lugar escuro e vazio, três jovens de vela na mão à espera dele e da sua lanterna.